



O DUALISMO DO SER NAS POESIAS DE RÉGIO: PAINEL E CÂNTICO NEGRO

Vitória Grazielle Menezes Moreira¹ - FAMA
Vânia Queline Correia dos Santos² - FAMA

Eixo temático 15: Pesquisa fora do contexto educacional

RESUMO

No presente artigo buscou-se uma leitura das obras de José Régio, em que foi observado o aspecto do dualismo, que será explicado na medida do possível. José Régio foi um dos fundadores da Revista *Presença*, do período modernista português, sua ampla produção literária abrange a poesia, o romance, o conto, o teatro e a crítica literária. Suas obras apresentam uma estrutura aberta, que retrata poeticamente as contradições psicológicas do ser humano dentro das personagens que dialogam e se confrontam entre si. Aborda também a introspecção dos conflitos do homem em relação com o mundo. Os poemas *Painel* e *Cântico Negro* são a expressão da humanidade como um todo, isto é, o centramento do eu é o ponto de partida para atingir os outros, no qual o eu-lírico mostra-se inquieto, indeciso e dividido diante da supremacia das duas forças onipotentes – o bem e o mal.

PALAVRAS CHAVES: dualismo, introspecção, confronto psicológico

ABSTRACT

In this article we sought a reading of the works of José Régio, which was observed in the aspect of existentialism that will be explained as far as possible. José Régio was a founder of the Presence magazine of the modernist period portuguese, your large literally production include the poetry, the novel, the short stories, the drama and Literary critic. His works display an open structure, which poetically depicts the contradictions Physiological of the human being inside that dialogue and characters confront each other. Deal also introspection of the conflicts of man in relation with the world. The Poems *Painel* and *Cântico Negro* are to express of humankind as a whole, that ", the centering of the self and the starting point for

¹ Graduada em Letras Português / Inglês pela Faculdade José Augusto Vieira – FJAV/ Lagarto- SE; Pós – graduanda (Lato Sensu) em Fundamentos da Língua Inglesa pela Faculdade Amadeus (FAMA/ Aracaju- SE) e Esp. Em Língua Portuguesa pela Faculdade Pio décimo. E-mail: bovehigrazyelly@yahoo.com.br

² Graduada em Letras Português / Inglês pela Faculdade José Augusto Vieira – FJAV/ Lagarto- SE e Pós – graduanda (Lato Sensu) em Educação Inclusiva e Libras e Fundamentos da Língua Inglesa pela Faculdade Amadeus (FAMA/ Aracaju- SE). E-mail: quelinevcs@yahoo.com.br

achieving the other, in which the I-lyric are worried, uncertain and divided on the supremacy of the two the omnipotent force - good and evil.

KEY WORDS: dualism, introspection, Psychological confrontation.

Tendo em vista que a literatura é uma obra de arte que passa de geração em geração e que permite ao ser humano viajar na mais profunda imaginação de seus sentimentos, é de extrema contribuição analisá-la como parte que integra uma sociedade, permitindo que outras pessoas conheçam outras formas de culturas noutros lugares e que se reconheçam como parte essencial dela.

Diante da introspectividade existente no ser humano e suas contradições psicológicas que o fazem agir de forma inacabada, as poesias de José Régio servem de inspiração para a percepção do dualismo do indivíduo. Essas dualidades costumam deixar o homem em obsessiva contradição consigo mesmo e com as forças que estão além da metafísica. Tais forças levam o homem a viver oscilando entre o bem e o mal de forma que, ele é levado por elas, que interferem na sua maneira de viver, no seu modo de pensar e de agir.

O dualismo nas poesias de Régio é a divisão do ser humano, de suas ideias, dos seus anseios, no qual interage entre Deus e o Diabo, vivendo a busca de sua utopia – a conquista do absoluto, de tornar-se um ser divino. Também, percebe-se que as contradições do ser humano são bastante presentes na contemporaneidade, já que se trata do seu interior, do seu íntimo, dos seus próprios pensamentos e sentimentos, das suas dúvidas, resultando assim num conflito pessoal.

José Régio, de forma eloquente, transmite em seus poemas aquilo que lhe é peculiar, particular, íntimo, porém, comum a todos. Pois, a introspecção e a reflexão são características do homem da época modernista em Portugal, já que existia um clima cultural da afirmação da ciência psicológica e a difusão de correntes literárias de raiz psicologista.

O poeta é um exemplo vivo para entender os conflitos intensos pelos quais o homem passa na busca de superá-los. Suas poesias retratam o drama individual de um ser contingente, mas real que vive a todo instante mergulhado em conflitos insolúveis. Pois, a contradição psicológica do ser humano é uma característica de sua obra e ao mesmo tempo, uma característica própria do autor. É a partir de sua forma de pensar e acreditar na existência de forças distintas que ele se coloca entre elas, porém, não faz opção por uma ou outra. Daí surge

à necessidade de entender toda essa dualidade dentro de suas poesias, dentre elas *Painel* e *Cântico Negro*.

Para afirmação do que já foi escrito Ferreira (apud NICOLA, 1947, p. 227) diz que, “Poucos autores contemporâneos terão sido igualmente capazes de manifestar, como José Régio, uma tão profunda atenção aos problemas do homem de todos os tempos e, simultaneamente, uma tão subtil apreensão do efêmero, do concreto, do contingente”. Pois, as tensões do homem são retratadas nas poesias regianas de forma subjetiva e ímpar decorrentes de conflitos presentes na vida, centradas no eu que se apresenta como ponto de partida para penetrar no outro, e assim, refletir uma visão singular, mas que se identifica e é vista como espelho do próprio ser humano por meio de uma linguagem particular.

Para tanto, Pound (1970, p. 38) diz que “a soma da sabedoria humana não está contida em nenhuma linguagem e nenhuma linguagem em particular é CAPAZ de exprimir todas as formas e graus de compreensão humana”, Essa afirmação revela que a linguagem é uma forma de expressão encantadora, própria da humanidade e apresenta suas peculiaridades demonstrando sentimentos que são comuns ao leitor, provocando um diálogo entre a obra, o homem e o mundo.

Régio afirmava que uma de suas marcas era “debruçar sobre o umbigo próprio, a remexer enlevadamente as entranhas próprias”, (apud, NICOLA, 1947, p. 227), ou seja, ele mergulhava no seu eu priorizando o seu ego, sua introspectividade tornando-se em alguns momentos individualista.

O poeta procurava entender as tensões psicológicas do ser de forma íntima, sendo dividido, entre o que existe de melhor e de pior no indivíduo.

A carga dramática de sua obra traz um sentimento de angústia, na qual as personagens se dialogam e se confrontam dando movimento e sentido aos poemas. Em *Cântico Negro* e *Painel*, percebe-se uma autoreflexão do ser humano, que se sente dividido entre o poder Relativo e o Absoluto diante de situações que não consegue controlar, mostrando-se inquieto, sem saber qual das forças seguir, já que ambos são detentores de forças supremas que controlam os atos humanos. O eu-lírico costuma demonstrar primeiro um sentimento atroz, para em seguida admitir que jamais o sentira de fato.

No poema *Painel* o eu-lírico sente-se esmagado entre dois seres desmedidos, incomensuráveis que aparecem simultaneamente, mas de formas diferentes e que também aparecem em lugares opostos: direita e esquerda. A temática incide sobre a vida interior do

ser humano, com as suas contradições, a aspiração ao alto e a atração do abismo. Percebe-se que em *Painel e Cântico Negro* o homem aparece como um ser inacabado, imperfeito, dividido entre a carne e o espírito, entre o céu e a terra.

As agonias e dúvidas presentes no poema *Painel* são comuns a toda humanidade demonstrando uma crise de identidade no mundo contemporâneo que apontam uma reflexão que transcende o mero dualismo do ser humano. Pois, nessas obras percebe-se a forma de agir do ser humano dentro de um grupo social que estabelece regras, transformando a vida do homem num verdadeiro emaranhado de situações. Esse por sua vez, deve fazer escolhas entre o certo e o errado ou então fica em meio a essa questão, vivendo na dúvida e no medo de tomar uma decisão que possa vir a arrepender-se no futuro. Essa dúvida o leva a um conflito interno consigo, que se reflete na forma de se comportar e viver em sociedade.

(...) Seu rosto que, decerto, era sereno e puro,
Resplandecia, como um mármore, no escuro;
E as suas lágrimas, rolando devagar,
Deixavam rastros que faziam luar...
(...)
Oh, onde via eu, essa figura peregrina
Festa de terra humana e de ascensão divina?
Sim, onde a via eu, que, só de o perguntar,
Me arrepiava com vertigens de ajoelhar?
(...) José Régio (apud NICOLA, 1999, p. 228)

A estrofe inicial expressa um encantamento por uma figura que lhe transmite serenidade e simultaneamente um apelo, um chamamento que é percebido através dos atos destas figuras e do eu - poético. Daí, observa-se a movimentação e o diálogo entre as personagens dando uma caracterização positiva entre elas. Nota-se a utilização de uma linguagem metafórica, a qual valoriza a adoração realizada pelo eu-lírico na exploração do sentimentalismo de divindade.

Ao afirmar que a figura é feita de terra humana e ascensão divina, pode-se caracterizar tal figura como um ser celestial-Deus, o qual reflete na voz poética um sentimento contraditório, pois ao mesmo tempo em que se sentia fascinado, demonstra que conhece a procedência deste ser. “...À minha mão direita, ele avança aereamente...” (Ibidem, p. 228)

Este verso comprova a afirmativa de que esta figura divina que resplandece e que deixa rastros que faziam luar é Deus

(...) É que em meu ombro esquerdo *alguém* se debruçava.

Alguém que ria um riso que espantava.
Um riso tenebroso, e cheio de atração.
Com fogo dentro como a boca dum vulcão (...) (Ibidem, p. 228)

Neste momento, a voz poética percebe a presença de um outro ser que causou-lhe um espanto, mas uma atração devido o seu sorriso que traz uma essência de mistério e lhe fascina e que lhe atrai como a chama quente de um vulcão. Desse modo, o eu-lírico deixa transparecer que este ser aparece em oposição ao primeiro ser, e colocando o ser humano num sentimento de divisão, de contradição. Dessa forma, esse “ser” pode se apresentar na figura do Diabo. Daí, subtede-se que o eu – poemático começa a oscilar dramaticamente entre Deus e o Diabo.

(...) Entre os dois, eu sentia-me pequeno e miserando,
Vibrando, todo, tumultuando, soluçando,
Com olhos meigos, lábios torpes – indecisos
Entre um inferno e um paraíso! (...) (Ibidem, p. 228)

A explicitação do conflito introspectivo do eu-lírico apreende poeticamente as contradições do ser humano, o qual sente-se oprimido entre esses dois seres descomedidos, vivendo uma guerra com apenas seus sentimentos na busca de um ideal.

(...) A noite em que isto foi, não sei..., sei lá? ...(Seria
Essa em que minha mãe, com tanta angustia, me paria ...)

Sei que o luar era medonho, era amarelo,
E que tudo isto me parece um pesadelo! (Ibidem, p. 228)

Na primeira estrofe, nota-se que há uma mistura de sentimentos entre o Sagrado e o Profano, igualmente contraditório, pois a aflição, a agonia e a ânsia diante do momento do parto são transformadas simultaneamente numa graça divina que resulta na criação de um novo ser, ou seja, a luz é uma nova vida. Apesar de se encontrar nesse conflito intenso, a estrofe seguinte mostra que o eu – poemático prefere fugir de sua realidade à encará-la de forma consciente, prefere acreditar que tudo que lhe acontece é apenas um pesadelo e que ao abrir os olhos não mais existirá. Daí é perceptível a busca do absoluto, da graça divina, única via para a superação dessas contradições profundas. E é através desses questionamentos, que as poesias regianas, apesar de apresentarem o homem como um ser inacabado, o trazem concomitantemente como um ser altamente divino, já que se sente dividido entre estes dois seres contrários: Deus/Diabo.

Em *Cântico Negro*, Régio aborda a temática central da sua obra, a dualidade, o conflito, a perturbação pessoal em seguir Deus ou o Diabo, até quem sabe os dois, ou nenhum. Pois, ele prefere viver sozinho e dar um significado particular as suas peculiaridades, já que se considera um ser inacabado, independente mesmo não agradando a um ou outro. De acordo com os versos a seguir, pode-se comprovar esse conflito do eu.

(...) A minha glória é esta:
Criar desumanidade!
Não acompanhar ninguém
- Que eu vivo com o mesmo sem – vontade
Com que rasguei o ventre a minha mãe (...) (Ibidem, p. 229)

A obra apresenta ao mesmo tempo, uma proposta de ruptura e a busca de um ideal. Nesses mesmos versos percebe-se que, o poeta faz questão de escolher seu próprio caminho e não acompanhar ninguém. Porém, existe a busca de um ideal quando ele manifesta a preocupação em descobrir qual é o caminho: “E cruza os braços, / E nunca vou por ali...” Dessa forma, ele apresenta uma quebra com as duas forças as quais não se deixa dominar; “Eu amo o Longe e a Imagem”; Ele manifesta sua idealização, não existe um lugar, nada que o prenda, ele busca sempre enxergar além do que o mundo oferece.

O poeta, apesar de não se deixar prender por uma força ou outra reconhece ser guiado pelas duas ao mesmo tempo – a de Deus e a do Diabo. Nos versos seguintes verifica-se essa idéia:

(...) Deus e o Diabo é que me guiam, mais ninguém
Todos tiveram pai, todos tiveram mãe;
Mas eu, que nunca principio nem acabo,
Nasci do amor que entre Deus e o Diabo. (...) (Ibidem, p. 229)

José Régio faz uma relação do tema “Cântico Negro” com a sua própria vida, para ele não existe nada que o convença de seguir um caminho ou outro, ele não aceita sugestões de ninguém, prefere viver no vazio do seu próprio eu, no escuro da sua alma. Nos trechos seguintes, ele descreve a insignificância de sua vida deixando claro que não precisa de ninguém para orientá-lo.

(...) Ah, que ninguém me dê piedosas intenções!
Ninguém me peça definições!
Ninguém me diga: “vem por aqui”!
(...) (Ibidem, p. 229)

Aí está clara a separação dele com as coisas do mundo ou até mesmo forças maiores, ele enfrenta o conflito interior tornando ainda mais dramática a sua obra. Quanto a sua vida descreve da seguinte forma: “(...) A minha vida é um vendaval que se soltou. É uma onda que se levantou. É um átomo a mais que se animou.(...)” (Ibidem, p. 229)

Como ele não aceita outro caminho, senão o dele, não teme o que possa acontecer, ele conclui dizendo: “(...) Não sei por onde vou,- Sei que não vou por aí!” (Ibidem, p. 229)

É importante ressaltar que há uma semelhança na temática de Régio em ambos os poemas, visto que, eles refletem sobre a dualidade do homem entre Deus e o Diabo. E mostra a indecisão do eu-lírico, a qual caminho seguir, contudo em *Painel*, ele apenas descreve essas duas forças onipotentes, mostrando a sua incerteza, a sua indecisão. Já no poema *Cântico Negro*, ele não apenas as descreve como passa a opinar, dizendo que prefere não seguir nenhum desses caminhos, mesmo sabendo que essas forças onipresentes o dominam. Dessa forma, a partir do momento em que ele começa a opinar, começa a questionar sua própria crença, simulando uma dor que, de fato, sente.

Diante do que já foi explorado, pode-se afirmar que o dualismo do indivíduo nas poesias de José Régio são características marcantes em suas obras, as quais mostram a complexidade e os intensos conflitos internos pelos quais o homem perpassa ao longo de sua vivência. Tais conflitos fazem o eu-lírico viver dividido entre Deus e o Diabo, colocando em dúvida sua própria crença e demonstrando um sentimento atroz que na verdade não o sente. Daí espera-se que essa explanação do dualismo nas poesias de Régio atinja uma visão crítica – subjetiva do leitor, considerando os aspectos introspectivos das mesmas e que se deixe deleitar nas mensagens que os textos *Painel* e *Cântico Negro*, através do eu – poético, resplandecem e refletem no homem contemporâneo.

Para tanto, Eagleton (2003, p. 266) declara que:

Uma das razões pelas quais precisamos investigar a dinâmica do prazer é a necessidade de sabermos qual o volume da repressão e de adiamento da satisfação que uma sociedade pode tolerar; como o desejo pode ser desviado de finalidades que consideramos dignas para outras que menosprezam e degradam; como homens e mulheres concordam por vezes em tolerar a opressão e a indignidade, e em que ponto essa submissão pode falhar. Podemos aprender com a teoria psicanalista mais sobre John Keats e Leigh Hunt; também podemos aprender mais sobre a natureza de uma “civilização

que, deixando um número tão grande de insatisfeitos e levando-os à revolta (...) não tem, nem merece, a perspectiva de uma existência duradoura”.

Em suma, estas duas obras em análise – *Painel* e *Cântico Negro* – são um viés para reconhecer que o homem é um ser vulnerável a ponto de quebrar paradigmas que controlam a sua vida. A verdade é que a literatura permite ao ser humano extravasar seu sentimento de horror, mostrar sua realidade e agir como se estivesse nela. É na literatura que o homem se revela e se rebela contra a falta de satisfação e mostra um comportamento, que para muitos, é considerado absurdo. Talvez tenha esse pensamento porque se reconhece como ser humano que vive rodeado de regras e que não tem a coragem de quebrá-las. E José Régio, na mais sublime singeleza e imparcialidade, mostra o comportamento humano como produto e reflexo de uma sociedade que se mostra conservadora de valores e que, ao mesmo tempo, não demonstra ter nenhuma perspectiva existencial e duradoura.

BIBLIOGRAFIA

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DE NICOLA, José, 1947 – **Literatura Portuguesa: das origens aos nossos dias** – São Paulo: Scipione, 1999.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. Tradução de Walternsir Dutra. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

POUND, Ezra. **ABC da literatura**. Tradução de Augusto de Campos e José Paulo. São Paulo: Cultrix, 1970.

MOISÉS, Massuad, **A Literatura Portuguesa**. Ed. Cultrise. São Paulo: 2005.

OLIVEIRA, Lídia Maria de, **Módulo de Ensino integrado**. – São Paulo; DCL, 2002.

POUND, Ezra. **ABC da literatura**. Tradução de Augusto de Campos e José Paulo. São Paulo: Cultrix, 1970.

ANEXO

Painel

Era uma noite de luar medonho
(Lembro-me disto como dum sonho)
Alevantou-se um Homem a meu lado,
Todo nu, e desfigurado.

Mal me atrevendo a olhá-lo, eu quase só adivinhava
Seu corpo devastado que sangrava...
E uma lembrança, longe, longe, havia em mim
De já o ter amado, ou outro assim.

Seu rosto, que decerto, era sereno e puro,
Resplandecia, como um mármore, no escuro;
E as suas lágrimas, rolando devagar,
Deixavam rastros que faziam luar...

Eu prosseguia, todo trémulo e confuso,
Cheio de amor e de terror por esse intruso.
À minha mão direita, ele avançava aereamente,
Com seu ar espectral e transcendente...

Os seus pés nem pousavam no caminho;
E então, eu desatei a soluçar baixinho,
Porque notara que em seu rosto exangue
As suas lágrimas corriam misturadas com seu sangue.

Oh, onde a vira eu, essa figura peregrina
Feita de terra humana e de ascensão divina?
Sim, onde a vira eu, que, só de o perguntar,
Me arrepiava, com vertigens de ajoelhar?

Mas, de repente, como um sobressalto,
E como a angústia de quem rola muito de alto,
Alguma coisa em mim passou, que pressentia,
E que se arrebelava, e que tremia...

É que em meu ombro esquerdo *alguém* se debruçava,
Alguém que ria um riso que espantava,
Um riso tenebroso, e cheio de atração,

Com fogo dentro como a boca dum vulcão!

E, sem o ver, eu vi-o, todo inteiro,
Essoutro novo e inseparável companheiro:
Um que também conheço, nem sei donde nem de quando,
Por mais que me torture procurando...

E tinha pés de cabra, e tinha chifres, tinha pêlos,
E tinha olhos sulfúricos, esfíngicos e belos...
A baba do seu riso escorregava-lhe da boca,
E em todo ele ardia uma lascívia louca!

À minha mão direita, absorto, aéreo, hirtó,
Coroadó de abrolhos e de mirto,
O Outro continuava a chorar lágrimas caladas,
Com as mãos lassas como rosas desfloradas...

Entre os dois, eu sentia-me pequeno e miserando,
Vibrando todo, tumultuando, soluçando,
Com olhos meigos, lábios torpes – indeciso
Entre um inferno e um paraíso!

Um riso doido e cínico, sem regra,
Subia em mim como uma onda negra,
E, estrelados de lágrimas, meus olhos inocentes
Ajoelhavam como penitentes...

Entretanto, os dois vultos desmedidos
Iam crescendo entre os meus risos e gemidos,
Crescendo sempre, sempre e tanto, que, depois,
Eu ficava esmagado entre eles dois.

A noite em que isto foi, não sei..., sei lá?... (Seria
Essa em que minha Mãe, com tanta angústia, me paria ...)

Sei que o luar era medonho, era amarelo,
E que tudo isto me parece um pesadelo!

José Régio

Cântico Negro

"Vem por aqui" - dizem-me alguns com olhos doces,
Estendendo-me os braços, e seguros
De que seria bom que eu os ouvisse
Quando me dizem: "vem por aqui"!
Eu olho-os com olhos lassos,
(Há, nos meus olhos, ironias e cansaços)
E cruzo os braços,
E nunca vou por ali...

A minha glória é esta:
Criar desumanidade!
Não acompanhar ninguém.
- Que eu vivo com o mesmo sem-vontade
Com que rasguei o ventre a minha Mãe.

Não, não vou por aí! Só vou por onde
Me levam meus próprios passos...

Se ao que busco saber nenhum de vós responde,
Por que me repetis: "vem por aqui"?
Prefiro escorregar nos becos lamacentos,
Redemoinhar aos ventos,
Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,
A ir por aí...

Se vim ao mundo, foi
Só para desflorar florestas virgens,
E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada!
O mais que faço não vale nada.

Como, pois, sereis vós
Que me dareis impulsos, ferramentas, e coragem
Para eu derrubar os meus obstáculos?...
Corre, nas vossas veias, sangue velho dos avós,
E vós amais o que é fácil!
Eu amo o Longe e a Miragem,
Amo os abismos, as torrentes, os desertos...

Ide! tendes estradas,
Tendes jardins, tendes canteiros,
Tendes pátrias, tendes tectos,
E tendes regras, e tratados, e filósofos, e sábios.
Eu tenho a minha Loucura!
Levanto-a, como um facho, a arder na noite escura,
E sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios...
Deus e o Diabo é que me guiam, mais ninguém.
Todos tiveram pai, todos tiveram mãe;
Mas eu, que nunca principio nem acabo,
Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo.

Ah, que ninguém me dê piedosas intenções!
Ninguém me peça definições!
Ninguém me diga: "vem por aqui!"
A minha vida é um vendaval que se soltou.
É uma onda que se alevantou.
É um átomo a mais que se animou...
Não sei por onde vou,
Não sei para onde vou
- Sei que não vou por aí!

José Régio

